

ARTIGO

PSICANÁLISE AO QUASE INSUPORTÁVEL

novembro de 2009

Todo psicólogo já ouvir dizer que o paciente resiste à análise do conteúdo inconsciente. Pessoas abandonam as sessões, fazem troca-troca entre os profissionais *psí*, ou ficam sondando um analista, pensam eternamente antes de pedir um horário, até que o indicam para outro. A idéia da tradição psicanalítica é que uma pessoa foge de falar o que lhe seria difícil.

Mas o psicanalista a quem daremos atenção é Jacques Lacan, que não deixou o problema acomodado dessa maneira. Lacan percebeu que a inversão era mais proveitosa: quem resiste à análise é sempre o analista. Sem escape, para nós, à responsabilidade.

Na clínica lacaniana não cabe, por princípio, a circulação repetitiva de idéias. É claro que o analisando (que, na clínica lacaniana, é impaciente) repete conteúdos em sessão. É quase o samba de uma nota só. O problema da resistência aparece quando o suposto analista (não vamos dizer que um profissional tão despreparado seja analista) também se prende àqueles conteúdos de forma recorrente. Se a cabeça do clínico é redundante, o analisando fica sem saída.

A análise lacaniana tem outra via. Ela não sedimenta discursos, raramente aceita o retorno das queixas. Ao contrário, despoja a pessoa de seus hábitos de pensamento. Um analista com esta orientação há de ser ágil, e pode ser desatento. Não deixa as idéias permanecerem. Pode até esquecer-las, ou o extremo contrário: faz uma queixa ficar tão enfática que a pessoa se incomoda com ela no mesmo instante.

“Acho que eu sou um mau pai de família, um mau marido e um mau profissional” – disse um homem a Lacan. O analista respondeu: “que o senhor me diga estas coisas não exclui que o senhor seja mau pai de família, mau marido e mau profissional”.

Para trabalhar assim, não é raro que seja preciso um ato inusitado. E como Lacan sabia fazê-los! Com os horários, os pagamentos, os conteúdos revelados em análise. Há inúmeros relatos de seus analisandos, como este de Jean-Guy Godin:

“‘Você está atrasado’, gritou ele, quando, ligeiramente surpreso, o encontrei no pátio, já ao volante de seu carro. ‘Não estou não’, pois, por acaso, por sorte, naquele dia eu fui de uma pontualidade inacreditável. Pareceu refletir um curto instante. ‘Então, está adiantado!’ – tinha muitas vezes a mania de acusar o interlocutor de um erro provável e deixá-lo debater-se com a acusação. ‘Também não’, respondi ao magro resultado daquela reflexão; mas senti que ele esperava mais algumas palavras. ‘Lembre-se, o senhor marcou essa sessão hoje, nesta hora precisa... e eu estou na hora’, o que nossos relógios provavam. Ficou outro momento em silêncio: ‘Então, já que é assim, volte daqui a quarenta e cinco minutos’” (*Jacques Lacan, 5 rue de Lille*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991. P. 89).

O material de trabalho de Lacan não era a realidade do mundo. Muito menos a da psique. Se havia uma realidade sólida para ele, era a da palavra – um eterno canteiro de obras.

Uma maneira de percebermos a clínica lacaniana de forma proveitosa é olharmos como ela trabalha com a instabilidade da palavra e do saber. Por essa leitura, encontramos uma visão da resistência bastante simples, porém válida.

Começo, meio e fim

Vemos como homens e mulheres chegam à análise. Por vezes, são portadores de um saber (um discurso) cheio de verdade. São afirmações sobre si e sobre os outros que, quanto mais são apresentadas, mais mostram sua fragilidade. É claro que se as verdades declaradas funcionassem bem no mundo, a pessoa não procuraria o divã. Então, nos primeiros encontros, é quase parte da amabilidade social e do desejo de experimentar as sessões que a pessoa seja delicada em dizer que pode e quer “rever” seu ponto de vista.

Assim, uma análise começa com um falatório tateante, uma produção de saberes sem verdade. O analisando vai sondar as falhas da sua visão de mundo. Expressa queixas contraditórias, percebe-se incoerente. A nós, analistas, cabe acolher as besteiras. É com elas, precisamente, que se faz a análise – diz Lacan em 1972.

Um homem pode ouvir sua própria inconsistência com vergonha e fechamento. Ou surge uma atitude adolescente, de desdém e malandragem. A moça pode rir de si mesma como se fosse exótico falar ao mesmo tempo algo e o oposto.

Soltar o saber, deixar rolar o discurso, e começar a descobrir seus efeitos, causa sobretudo um enlevo, uma sensação de enamoramento no analisando. É nessa fase que se abandonam – na grande maioria das vezes – os diagnósticos psiquiátricos e os estigmas familiares mais declarados. Terminam aquelas falas pequenas sobre depressão, medicamentos, ansiedade, regime, infelicidade conjugal, compulsões, rigores e agressividades, burrices. Ou, ao menos, essas perspectivas se afrouxam, para caírem de maduras, quase só com um sopro, mais adiante.

Que paixão surge de poder usar um pouco mais a palavra! A figura do analista se torna querida de uma maneira socialmente bastante compreensível: é quem ouve. Parece até uma caridade. Se algum mal-entendido emerge no *setting* – no pagamento, no horário, na compreensão da fala, como deve acontecer – é usual que o analisando interprete da maneira mais amável. Acha-se generoso em tolerar qualquer equívoco no “serviço” prestado. Afinal, o analista também é gente – mesmo que essa suposta igualdade já comece a ficar abalada.

Mas não é com o psicanalista que a relação mais forte está se armando. É com a linguagem, que está prestes a se tornar quase exata. Logo virá uma palavra que expressa com firmeza os sentimentos e toca o mundo. Nesse aparente ajuste entre o falante e o discurso, a pessoa do analista praticamente sobra. Vira um estorvo.

Jorge Forbes, em um certo tempo do seu ensino, esquematizou assim essa passagem de uma análise:

- 1º momento: +S -V (existe um saber, não existe uma verdade)
- 2º momento: +S +V (existe um saber e existe uma verdade)

Não se trata de um momento leve. Para alguns, quando as idéias corriam soltas antes, este ajuste é uma freada instantânea e angustiante. Para outros, pode vir de maneira paulatina e percebida. Chega-se a um ponto em que a pessoa encontra as palavras para dizer o que quer e o que vê, e sua afirmação ganha uma densidade dolorosa.

Uma moça jovem e muito alegre, que riu de si mesma por toda a primeira época da sua análise, carinhosa com a analista, tinha duas queixas: não conseguia namorar – o que era contraditório a sua visível amabilidade – e era pressionada pela família para trabalhar e ganhar dinheiro – o que alguns dias ela também queria; outros, recusava. De repente, torna-se absolutamente inflexível. Ela ouviu tantas vezes a própria queixa de não ter um emprego que o primeiro encontrado em seguida, sem diferença em relação aos anteriores, mostra-se fundamental. Como sua analista ousa não entender que ela precisa trabalhar e ganhar dinheiro?! A amabilidade desaparece. É difícil a graça. O riso fica raro. Não há mais sensualidade e nenhuma percepção do movimento do outro. Agora, é quase como se ela defendesse a urgência do ganho e a premência do tempo. Qualquer desajuste de horário, trânsito ou quiproquó no pagamento vira para ela assunto central e de rancores. Do ponto de vista da moça, está encontrada sua verdade. Finalmente, sabe o que fala. Diz o que precisa dizer. Não está mais se analisando em comparação ao outro, nem analisando os outros – um exercício favorito dos iniciantes do divã. Do nosso ponto de vista, a sensibilidade exacerbada e irritadiça aponta um sintoma consistente, sinaliza uma fantasia nuclear.

A virada acontece em instantes, em algumas sessões. “Come o seu *Dasein*”, dizia Lacan. A hora é esta. *Dasein* é uma palavra alemã que quer dizer ser-aí ou ser-no-mundo. A pessoa tromba com quem ela é no mundo. Ninguém precisa dizer nada. Ela não vai “se conhecer”. Vai se incomodar tanto consigo mesma que a solidão pode ser o inferno, e uma sessão com analista em silêncio pode ser o pior programa do planeta. Jorge Forbes comentou: come-se o *Dasein* até a indigestão.

Eis o momento de uma análise em que, por excelência, existe resistência. Para uma moça, pode vir pela verdade da importância do trabalho e do dinheiro – não é mais o pai que quer que ela trabalhe. O emprego, os horários e as contas tornam-se um imperativo vital. Que ninguém entre no caminho – nem um amor, nem um amigo. O mal-aluno descobre que pode muito bem desdenhar o estudo, e percebe como lhe é fácil cultivar um sentimento de superioridade por ser herdeiro, que lhe faz não precisar ouvir (e muito menos aprender) nada de ninguém. Mas ele se atrapalha com outra imagem da sua posição: ser talvez um menino burro e pouco educado, que provavelmente será sustentado pelos méritos do pai e do avô por toda a vida. É isto que a sala de análise insuportavelmente lhe recorda. Outro analisando começa a dar voltas sobre um caminho sexual que lhe encanta, mas que ele trata como piada – fantasias agressivas e homossexuais são bom motivo para falar para sempre de um outro assunto, de conservadorismos e gracinhas tolas, até cansar das sessões. Enfim, um analisando que não quer conversa mole pode mal chegar às sessões e já cansar de si mesmo, quando seu quadro de auto-questionamento obsessivo o leva ao extremo de ter sintomas corporais. Ele reconhece seu *Dasein* em um instante, e consegue prever a exaustão que haverá em encontrá-lo semanalmente.

É neste ponto que fazer análise dói. Esse é o momento do recuo, de desmarcar sessão, de atrasar ou se voltar contra o analista. Críticas altivas à clínica. Não raro, o analisando controla, cobra, cronometra, compara o preço, como se psicanálise fosse uma prestação de serviço. Mesmo no conteúdo das sessões, há boicotes. Um esforço para fazer o trabalho do outro dar errado (mesmo que seja sua própria análise!). O gênio carinhoso da poltrona, que se apresentara de início, agora parece uma figura agressiva e irresponsável, interesseira, desinteressada, algo sádica. Investigações da vida pessoal do analista virarão armas de agressão contra ele em seguida. Não impede que o analisando declare seu amor a esta figura – toda a ambivalência é possível. O analista é cobrado por ter despertado afeto e não corresponder. Parece cruel. São freqüentes os sonhos com o analista. Alguns fazem tentativas de estabelecer um convívio fora da análise. Convites para sair, pedidos insistentes de amizade, podem ser formas de resistência.

Não é infreqüente que o analisando tenha medo de amar o analista, uma figura injusta porque não cabe na constelação familiar, nem muito claramente entre as amizades. É vergonhoso gostar tanto de alguém que é preciso pagar para ver, e que pode não dar muita conversa. Fantasias sobre o amor ou o interesse do analista no analisando não são raras.

Qualquer manobra dessas desvia o insuportável de encontrar o si-mesmo em análise. Preenche o tempo da sessão ou justifica a ausência.

Descobrir-se é duro, mesmo que a pessoa chegue a um auto-elogio. Quando repetitivo e sem escolha, um elogio é uma prisão. Não importa o conteúdo que o analisando encontre, é a solidez da relação entre o saber e a verdade que se faz intolerável.

Tentar interpretar as manobras de “resistência” achando causas inconscientes nem sempre é de muita eficácia – “você me deseja como a sua mãe” ou “sua cortesia demonstra que me odeia”, “não quer pagar porque recalcou isto”, “não quer vir porque está evitando aquilo”, “você está tentado provocar o insucesso da análise, para não precisar admirar o analista, ou lhe dever gratidão”. Essa via arrisca, em muitas situações, apenas poluir o espaço. A insistência do analista contra a resistência tende a aumentá-la.

Aquí, só uma manobra do analista vai permitir a continuidade da análise. As psicoterapias não cruzam esta fronteira. Num primeiro momento, o sintoma exige respeito. A freama do analisando requer uma freama do analista. De repente, o analisando é bravo, não é mais afável. É duro, exigente, cobrador. Faz ameaças e usa os horários das sessões para isto. Em certo limite, é preciso aceitar.

A recomendação freudiana de não querer o bem do paciente é sumamente aplicável neste ponto. Não se tira o analisando das raivas, controles e certezas. Ai de quem quer saber o bem do analisando melhor que ele mesmo. O sintoma é para ser vivido.

É claro que, se a análise terminasse aí, o resultado seria uma fábrica de monstros convictos de si mesmos. Faladores de boca cheia sobre serem os únicos donos de suas vidas e de suas verdades. Que ninguém se meta no que um deles diz ou deixa de dizer.

Agora, a posição do clínico é recuada. O sintoma exige respeito, mas não submete o analista. A vida do analisando vai por onde for. A única questão é que a vida do analista continua indiferente às afirmações e convicções do analisando – mesmo que, revoltado com a impassibilidade do outro, ele largue a análise – não raro, dizendo que irá procurar alguém mais compreensivo. Os equívocos do *setting* continuam. Incompreensões, enganos, atrasos, cobranças que desagradam, cortes. É um tempo de broncas. Até porque é difícil o analista acertar diante de um tão lúcido dono da própria verdade.

O analista continua lá, resiliente após todas as acusações e qualquer tentativa de assassinato. Tem sua sala, eventualmente seus textos e aulas, seus outros analisandos, suas atividades externas. A clínica é insuscetível à crítica. Ela é incompreensiva. Foi possivelmente o que levou Jorge Forbes a dizer que, afinal, um analista não trata pelo que é, mas pelo que não é. São suas falhas, na expectativa do analisando, que operam neste ponto crucial de uma análise.

A pessoa então descobre, continue as sessões ou vá embora, que pode carregar sua malinha de conclusões e defesas, mas o outro, daquele endereço e das confusões, continua lá, passível de ouvir. Alguma hora, por mais arrogante que seja a certeza do sintoma, ou por mais chato que seja conviver com o sintoma nas sessões, é possível que a pessoa decida tentar ser ouvida um pouco mais.

São belos os relatos da experiência analítica neste ponto. Os conflitos com o analista vão se reduzindo. Acontece que aquela verdade descoberta em análise não precisa da dureza do discurso para se sustentar. Os desejos de reconhecimento, as inseguranças sobre o afeto, a angústia na falta de correspondência com o analista, podem ser abandonados. O corpo permanece lá. Assim como o analista não quebra com a palavra dura do analisando, o

analisando descobre que não quebra se abrir mão dela. O saber desfalece. Os gestos tornam-se ricos como uma dança. As explicações, mínimas e graciosas. De alguma maneira, o analisando aprende a criar contato no mundo sem ficar relendo para si mesmo o manual de instruções. Momento mágico de uma análise.

Pierre Rey – jornalista que freqüentou o consultório de Lacan por 10 anos e legou um dos mais belos relatos de tratamento já escritos, *Uma Temporada com Lacan* – conta assim o desenlace da sua análise:

“Eu nunca havia me colocado a questão de saber quanto tempo duraria o trabalho que eu empreendi sob sua tutela. No período, embora minha condição civil tenha ganho dez anos, eu me sentia mais jovem. E mais velho também. Curiosa mescla em que se encavalam os tempos da infância e do homem. Na minha relação com Lacan, as tensões foram apaziguadas. Não houve mais dramas. Só restava meu desejo de saber que me levava, como nas *Mil e Uma Noites*, de uma hora à outra, de um dia ao outro, de um século ao outro. Nessa passagem, imperceptivelmente, meus centros de interesse tinham se modificado. Eu não me arrependia de nada do que havia vivido, mas seria incapaz de revivê-lo. Eu não amava mais o que amei e, estranhamente, desde o momento em que tive menos medo, melhor me conhecer me tornou mais curioso sobre os outros, mais aberto, mais indulgente com a besteira – não existem mal-entendidos, apenas maus entendedores” (p. 218, tradução livre).

Surge para a pessoa uma forma de consistência na presença que não precisa mais ser complicada por esclarecimentos.

No esquema traçado por Jorge Forbes, a terceira passagem se define:

1º momento +S -V
2º momento +S +V
3º momento -S +V (existe uma verdade, não existe um saber)

Aí está o final de uma análise e o fim da resistência. Ao menos, esta é uma das maneiras de olhar.

Considerações sobre a teoria tradicional

A resistência, como a percebemos aqui, não é dos conteúdos traumáticos inconscientes – até se pode ver assim, mas tende a soar acusatório contra o analisando.

Por isto, uma análise lacaniana não precisa “combater” a resistência. Basta nós não a vermos como conteúdo a interpretar. O que é preciso, naquela primeira passagem dura, quando a pessoa descobre seu *Dasein* e tem que engolir a si mesma, chata, repetitiva, insuportável (não vale, claro, acusar disso a análise ou o analista), é que o analista faça a ela o convite de ir fundo nas visões que surgem, em uma viagem corajosa, que pode parecer maluca: falar de si como se fosse um estranho a si mesmo – ainda que as descobertas possam doer, e que cada gesto aumente o conflito.

A postura que se convoca no analisando nesta passagem é a que o escritor inglês Coleridge chamou *suspension of disbelief* – suspensão da descrença: nossa atitude de aceitar, no cinema, ver um ator contemporâneo interpretar Napoleão Bonaparte, ou que

permite o envolvimento em uma história de viagem no tempo, sem que nossa incredulidade derrube a cena criada. O analisando precisa mergulhar em suas histórias, ou construí-las, sem vergonha por ser ouvido, sem criticar-se demais e sem criticar a análise, até encontrar as melhores palavras e formular suas verdades sintomáticas. Na hora em que estiver quase impossível, terá que confiar, simplesmente. Deixar-se enganar pela análise quando as histórias compostas ali parecem graves demais e poderiam ser desligadas com o simples apertar do *eject*.

Por isto, falamos que a pessoa se submete a uma análise – fica prisioneira do próprio *Dasein*, da própria posição, sem poder reclamar para ou de ninguém.

Pela *suspensão da descrença*, as manobras que a tradição chama de resistência podem ser positivadas. O analista terá tempo de ouvi-las, acatá-las, viabilizar o que for possível. Amizade, afetos negativos, amor, urgências, repetições, conflitos, vazios, medos tornam-se afirmações que podem perder a carga de infelicidade.

Conforme a pessoa descobre como contar o que lhe acontece a cada trombada, percebe que a construção dos saberes, com o tempo, varia e faz diferença. Poderá encontrar um personagem louco ou duro, mas continuará editando o filme. Surge um poder sobre a própria história e, a partir dela, sobre a própria posição. Um poder a ser exercido bastante. Até o esvaziamento.

Em uma época de seu ensino, Lacan denominou o final de análise como “travessia do fantasma”. É a chegada do terceiro momento, no esquema de Forbes: o esgotamento das histórias construídas em análise, que deixa uma pessoa livre do peso e da inconstância dos saberes, e da paixão exaustiva pelo “eu”.

É comum que, antes da análise, as pessoas sejam escravas de mudanças de humor. Conforme o conteúdo (saber) que a vida lhe traz, ficam presas a uma alegria ou a uma tristeza, que pode oscilar em instantes ou grudar inexplicavelmente por anos.

Após uma análise, o saber (significante) torna-se algo que a pessoa pega nas mãos como objeto de uso. Com isto, ela aprende a construir, inclusive, seu humor momentâneo.

“Com Lacan, aprendi a nomear as coisas. Não recuando jamais diante de uma palavra, era para mim difícil, desde que ela valesse a pena ser defendida a título de uma ética, bater em retirada diante de uma situação. Não tendo mais medo das palavras, como eu poderia temer as coisas?” (Pierre Rey, op. cit., p. 216. Tradução livre).

Podemos esperar que uma pessoa leia, escreva e fale melhor após uma análise. Como usuária do saber, ela fica “mais inteligente”. No trabalho criativo, perde vícios que nem imaginava ter. Conflitos neuróticos fazem uma pessoa repetir temas e formas, apesar do pouco interesse daquilo para os outros. Com a análise, acaba também o problema da falta do que dizer, ou de só poder falar de maneira interessante com quem já se convive ou é da mesma tribo.

Uma vez que esteja solta de suas convicções e repetições, a pessoa é mais facilmente um objeto de amor. Se é difícil amar sensualmente o “texto” cheio e complicado de alguém que entra em análise, é fácil amar o gesto e a consistência de corpo e posição de alguém à saída.

Suportar a figura cansativa, quase intolerável que aparece durante uma análise, com o bom-humor e a confiança de um *suspension of disbelief*, é aceitar viver um engano ou uma maluquice por alguns momentos e, se for preciso, ser quem não se quer ser, em “filme” ou imagem mental.

Depois, não há nenhum bom motivo para se lembrar o que foi tratado ou como. Mas o sonho deixa provas, como a flor trazida do Paraíso de Coleridge.

Em pontos para os quais ninguém estava olhando, muitas vezes sem se notar que aquilo é efeito de uma análise, a diferença aparece.